

# Assoreamento ameaça Lago Paranoá

Pablo Alejandro

O lago já perdeu uma área correspondente a 230 campos de futebol em 45 anos. Em alguns pontos é possível atravessar a pé

**GUILHERME QUEIROZ**

Longe dos olhos dos brasileiros, o fundo do Lago Paranoá começa a se aproximar da superfície e, em alguns pontos, a absurda idéia de se cruzá-lo molhando-se apenas pela cintura, tornou-se realidade. Nos braços do espelho d'água, onde desaguam os principais afluentes, o nível de assoreamento chegou a níveis tão críticos que começam a evidenciar seu desaparecimento. Uma perda acumulada de 230 campos de futebol de área, ou 10% da superfície nos últimos 45 anos.

A situação chegou a níveis alarmantes em quatro pontos do lago. Nas margens norte, a foz dos ribeirões do Bananal e do Torto foram tomadas por ilhotas e bancos de areia. Entre as QLS 16 e 18 do Lago Sul, a foz do Ribeirão do Gama também está desaparecendo entre a vegetação que brota na terra acumulada. Onde desagua o Riacho Fundo, próximo à Estação de Tratamento de Esgoto da Asa Sul, é possível atravessar o lago a pé.

Morador da QL 16 do Lago Sul, Antônio Carlos Scartezini se lembra de que o lago ainda tomava conta da foz do Ribeirão do Gama quando chegou à quadra, há 14 anos. Hoje, da vista de sua varanda, vê as ilhotas formadas em torno da canal do rio. Para manter conta das mudanças, monitora novos bancos de areia que aparecem ano após ano e se queixa de que até as capivaras e peixes desapareceram.

— Antes só dava para atravessar esse braço a nado. Hoje, fico

imaginando quando vou conseguir atravessar isso aqui sem molhar as canelas — lamenta Scartezini.

O assoreamento acelerado do Lago Paranoá levou a CEB a alterar as cotas máxima e mínima do espelho d'água. Responsável por gerenciar a variação nos níveis da superfície, a companhia trabalhava com uma variação de 1,5 metro. Com a elevação do fundo do lago, a margem caiu para 1,3 metro — variando entre 999,5 metros e 1000,8 metros de altitude. Para o responsável pela controle da cota do lago na CEB, Wagner Moretti, a situação chegou a um ponto alarmante.

— Há pontos, como na foz do Riacho Fundo, em que a profundidade é de apenas um metro. Não há muita margem para baixar o lago — aponta Moretti.

O professor da pós-graduação em Ecologia na Universidade de Brasília (UnB), Paulo Salles, argumenta que, à medida que novas barreiras — como bancos de areias e ilhotas — forem se formando no lago a água que desce dos ribeirões irá procurar novos caminhos para chegar ao lago. Ou seja, a tendência é a foz se alargar para cima das margens. A única solução para conter o assoreamento, segundo Salles, é iniciar um processo de educação ambiental junto às comunidades que moram próximo à Bacia do Lago Paranoá.

— A saída é prevenir. Tem que se cuidar do processo de urbanização e cada morador tem de reconhecer a importância de preservar a vegetação ribeirinha — pondera Salles.

## Na foz dos rios que deságuam no Paranoá, a situação é crítica

### ● Problema: Assoreamento

1 Com o início das chuvas, grandes quantidades de terra e areia são carregados pelos afluentes do Lago Paranoá



Os sedimentos se depositam nos deltas dos córregos e riachos, formando bancos de areia e ilhotas

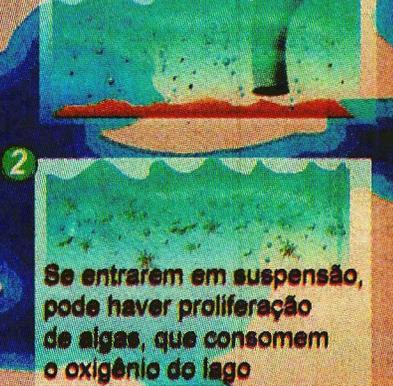
4 As raízes das plantas dão consistência às ilhotas, impedindo que se desfaçam com a correnteza.

## O QUE ACONTECE COM O LAGO PARANOÁ

3 Quando a CEB reduz o nível do lago, uma vegetação rasteira se forma nas ilhotas.

### ● Solução: Dragagem

1 A dragagem do lago tem de ser precedida da sucção do fósforo e do nitrogênio depositados no fundo do lago



2 Se entrarem em suspensão, pode haver proliferação de algas, que consomem o oxigênio do lago

3 A elevada concentração dos poluentes é resultado de anos de despejo de esgoto não-tratado no lago

4 Apenas após a remoção do nitrogênio e do fósforo, as dragas poderão iniciar seu trabalho

